

II SIMPÓSIO SOBRE FEMINICÍDIOS:

REFLEXÕES SOBRE INCIDÊNCIAS E (IN)VISIBILIDADES

23 A 25 DE OUTUBRO

CLCH - UEL

TRANSFEMINICÍDIO E A LINGUAGEM DA IMPRENSA: UMA ANÁLISE DAS REPORTAGENS DA TV VITORIOSA E TV PARANAÍBA SOBRE O CASO CÁSSIA VIEIRA (UBERLÂNDIA/MG)

Marcelo Sousa Alves

marcsa@outlook.com.br

Mestrando – PPGCS (UFU). Uberlândia, Minas Gerais (MG), Brasil

RESUMO: Esta pesquisa teve como objetivo investigar de que forma os termos e classificações empregadas em reportagens sobre feminicídios de mulheres trans/travestis refletem ou desafiam estereótipos de gênero. Para isso, formulei a seguinte questão central: de que maneira as escolhas de palavras e expressões feitas pela imprensa contribuem para a perpetuação ou contestação das normas de gênero? Metodologicamente, se trata de uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo que utilizou a técnica de análise de conteúdo para interpretação dos dados presentes nas seguintes reportagens: “*Mulher trans é assassinada em Uberlândia e suspeito de praticar o crime teria um caso com a vítima*” da TV Vitoriosa e “*Mulher trans é encontrada morta dentro de casa; homem diz ser autor do crime*” da TV Paranaíba, ambas exibidas no dia 7 de maio de 2024. A justificativa para esta pesquisa repousa na necessidade de compreender e visibilizar as dinâmicas do transfeminicídio no Brasil, visto que nosso país apresenta os mais altos índices de homicídios de pessoas trans (Bento, 2014; Pinheiro, 2022; Rede de Mulheres Negras do Paraná, 2023), o que torna fundamental uma análise crítica das narrativas midiáticas que circulam sobre esses crimes. As considerações finais giram em torno da reflexão de que as reportagens minimizam a violência transfóbica ao tratar como conflito pessoal e reforçam estereótipos de gênero sem abordar a violência contra mulheres trans/travestis enquanto uma opressão estrutural.

Palavras-chave: transfeminicídio, gênero, identidade, linguagem, mídia.

TRANSFEMINICIDE AND THE LANGUAGE OF THE PRESS: AN ANALYSIS OF THE REPORTS BY TV VITORIOSA AND TV PARANAÍBA ON THE CASE OF CÁSSIA VIEIRA (UBERLÂNDIA/MG)

ABSTRACT: This research aimed to investigate how the terms and classifications used in reports on femicides of trans women/travestis reflect or challenge gender stereotypes. To do this, I formulated the following central question: how do the word choices and expressions made by the press contribute to the perpetuation or contestation of gender norms? Methodologically, this is a qualitative, descriptive study that employed content analysis to interpret the data present in the following reports: “Trans woman is murdered in Uberlândia and the suspect of committing the crime allegedly had an affair with the victim,” from TV Vitoriosa, and “Trans woman is found dead inside her home; man claims responsibility for the crime,” from TV Paranaíba, both aired on May 7, 2024. The justification for this research lies in the need to understand and highlight the dynamics of transfemicide in Brazil, as our country has the highest rates of homicides of trans people (Bento, 2014; Pinheiro, 2022; Rede de Mulheres Negras do Paraná, 2023), making it essential to critically analyze the media narratives circulating about these crimes. The final considerations revolve around the reflection that the reports minimize transphobic violence by treating it as a personal conflict and reinforce gender stereotypes without addressing violence against trans women/travestis as a structural oppression.

Keywords: transfeminicide, gender, identity, language, media.

INTRODUÇÃO

No dia 5 de maio de 2024, Cássia Vieira, de 45 anos, foi encontrada morta em sua residência no bairro Martins, em Uberlândia, Minas Gerais (G1, 2024). Após três dias sem notícias sobre ela, os vizinhos acionaram a polícia (G1, 2024). Durante a investigação, os policiais encontraram o corpo da vítima no quarto, com nove perfurações (G1, 2024). A arma do crime não foi localizada, mas no dia 6, o ex-namorado de Cássia confessou o assassinato e foi preso (G1, 2024). Esse assassinato não é um caso isolado. O Brasil é o país com o maior número de homicídios de pessoas trans no mundo (Bento, 2014; Pinheiro, 2022; Rede de Mulheres Negras do Paraná, 2023). Em 2023, houve registro de 145 assassinatos, segundo o relatório anual da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) (G1, 2024). Desses crimes, 136 foram cometidos contra travestis e mulheres trans/transexuais (G1, 2024). A

ausência de dados oficiais sobre violência transfóbica reflete uma estratégia de exclusão e invisibilização promovida por um sistema cisnormativo (Lôndero; Reis; Mewes, 2024; Caicedo-Roa; Cordeiro, 2023).

Tendo em vista esse contexto, o conceito de transfeminicídio foi elaborado como uma categoria analítica que busca classificar e entender os assassinatos de mulheres trans e travestis como crimes específicos (Bento, 2014). Crimes esses que são motivados pelo ódio e pela repulsa que surgem em decorrência da transgressão das normas de gênero e de sua visibilidade pública (Bento, 2014). Outrossim, a hipótese central desta investigação se baseou na perspectiva de Berenice Bento (2014) que defende que o gênero das pessoas trans não é respeitado nos noticiários de crimes, resultando em um apagamento de suas identidades e um movimento forçado que faz com que esses indivíduos, mesmo após a morte, sejam retornados ao gênero imposto pela sociedade.

Vale destacar que, nos anos 1970, os estudos de gênero se consolidaram no Brasil (Veleda da Silva, 2000) e desde então vêm abordando temas como a transexualidade. Alguns desses estudos exploram a inserção de mulheres trans e travestis em espaços religiosos como os terreiros de Candomblé (Santos, 2013), a sociabilidade dessa população na internet (De Melo, 2016) e as condições de trabalho relacionadas à diversidade sexual e de gênero (Quadros, 2018). Mais recentemente, os termos “transexualidade” e “transgeneridade” emergiram para englobar as vivências de pessoas que experimentam uma divergência entre o gênero atribuído ao nascimento e aquele que reivindicam para si (Pereira; Gaudenzi; Bonan, 2021).

A transexualidade, portanto, representa uma forma de existência que desafia a visão binária e biologizante entre sexo biológico e gênero. Vale lembrar que até recentemente ser transexual era considerado uma patologia pela medicina e pela psiquiatria moderna (Rodrigues; Carneiro; Nogueira, 2021), o que contribuiu para a construção de estigmas em torno desse grupo social. Segundo Carvalho (2018), as travestis foram historicamente vistas como libertinas, enquanto as mulheres trans foram postas dentro de categorias ancoradas na patologização.

Esses estereótipos, muitas vezes, são reforçados pela mídia. A complexa relação entre a tecnologia e a sociedade é analisada por Williams (2016) que sugere que é necessário compreender melhor as implicações sociais, culturais e psicológicas das emergências tecnológicas. Sendo assim, a tecnologia não é apenas uma ferramenta ou reflexo da sociedade, mas algo desenvolvido com intenções e propósitos sociais específicos. Por exemplo, a introdução da televisão na sociedade começou em espaços públicos, mas, após os

anos 50, passou a fazer parte do cotidiano familiar causando um impacto significativo na organização do lar (Esquenazi, 2011). Assim, com o aumento das vendas de televisores, a televisão se tornou um produto doméstico voltado principalmente para as mulheres visto que elas que passavam mais tempo em casa, o que impactou a indústria de mídia que adaptou seus programas e comerciais a esse público (Esquenazi, 2011).

Assim, a televisão e outras tecnologias de comunicação, como rádio e cinema, emergiram como respostas à transformação social mais ampla provocada pela industrialização (Williams, 2016). Deste modo, a televisão transformou o debate público, ampliando seu alcance e impacto, ao contrário das formas tradicionais que eram limitadas em termos de pontos de vista e acessibilidade (Williams, 2016). No entanto, a televisão, ao democratizar o acesso ao debate, muitas vezes cria uma ilusão de acesso democrático, mantendo um espaço mediado e hierarquizado de opinião (Williams, 2016). E são justamente os debates e a forma como eles são feitos que essa pesquisa busca analisar quando se volta para a forma como a televisão lida com crimes contra mulheres trans e travestis.

1. A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE SOCIAL ATRAVÉS DA COMUNICAÇÃO

A comunicação social tem um papel fundamental na formação das identidades individuais e coletivas sendo essencial para a construção da realidade social. De acordo com Coudry e Hepp (2020), o mundo social é construído por nossos esforços coletivos com as interações comunicativas sendo um elemento central nesse processo. Nesse sentido, as mídias não são apenas ferramentas de comunicação, mas também criadoras e reforçadoras de significados que estruturam nossa compreensão do mundo (Coudry e Hepp, 2020).

Esse fenômeno de construção social através das mídias é denominado midiaticização que pode ser compreendido enquanto o processo que confere maior complexidade à realidade social à medida que as mídias repetem e reforçam certos significados (Coudry e Hepp, 2020). A midiaticização é essencial para compreender a formação das percepções sociais, especialmente quando se trata de questões sensíveis como o transfeminicídio. A forma como a mídia representa crimes contra pessoas trans não apenas reflete, mas também molda a compreensão pública sobre identidade de gênero. A linguagem utilizada nas reportagens tem um papel crucial na construção de significados sociais e na perpetuação de estigmas. As

reportagens sobre o assassinato de Cássia Vieira, por exemplo, ilustram as narrativas mais amplas que envolvem a comunidade trans.

Castells (2019) classifica a comunicação em três tipos: a comunicação interpessoal que envolve interação direta entre emissores e receptores; a comunicação de massas que é unidirecional e acontece em meios como jornais, rádio e televisão; e a autocomunicação de massas que surgiu com a Internet e permite a criação de conteúdo por qualquer pessoa com potencial para alcançar uma audiência global. Os objetos de análise deste trabalho pertencem a essa última categoria, pois, embora sejam produzidos para a televisão tradicional, têm forte conexão com a Internet, visto que as reportagens estão disponíveis nos canais do YouTube das emissoras, ampliando ainda mais seu alcance. Por outro lado, embora a televisão tenha passado por transformações significativas desde os anos 1990, ela continua sendo o principal meio de comunicação de massas do século XXI (Castells, 2019). Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE mostram que, entre 2019 e 2021, o número de lares com televisão aumentou de 68,4 milhões para 69,6 milhões (Agência Freela, 2023), refletindo sua presença contínua no cotidiano das pessoas.

Um exemplo claro de como as mídias moldam a percepção pública é a exposição Queermuseu (Balieiro, 2022). A mobilização em torno da mostra não foi apenas uma reação a conteúdos artísticos, mas uma construção social que influenciou identidades coletivas e individuais. Como Coudry e Hepp (2020) destacam, a comunicação social é essencial na formação dessas experiências. O escândalo envolvendo a exposição, com críticas sobre a abordagem de sexualidade e a educação para professores, revela como identidades foram construídas e reforçadas por narrativas midiáticas com grupos de defensores e opositores ganhando capital simbólico e político (Balieiro, 2022).

Sendo assim, a televisão, como meio de comunicação de massa, desempenha um papel central na formação das opiniões sociais sobre questões de gênero. Adorno e Horkheimer (1985) argumentam que a indústria cultural contribui para manter o status quo ao criar narrativas que não questionam as estruturas de poder dominantes. Embora essa leitura seja passível de críticas, principalmente pelo risco de interpretar o público como passivo, a mídia televisiva, ao tratar casos como o transfeminicídio de forma superficial e/ou sensacionalista, desconsidera as causas profundas da violência. Ao fazer isso, perpetua estigmas e preconceitos, distorcendo a representação de minorias, como exemplificado nas reportagens sobre o caso de Cássia Vieira.

3. CONCEITOS FUNDAMENTAIS NO DEBATE DE GÊNERO NESTA PESQUISA

Os estudos de gênero, no contexto ocidental, começaram a se expandir de maneira significativa entre as décadas de 1930 e 1970, impulsionados pela luta das mulheres por igualdade de direitos (Matos, 2008). Esse período assistiu ao surgimento de um feminismo acadêmico que buscava entender as dinâmicas de subordinação das mulheres com o objetivo de desenvolver teorias que distinguissem gênero de sexo biológico (Matos, 2008). No entanto, esses estudos, embora valiosos, muitas vezes contribuíram para uma visão dicotômica das relações de gênero em que o homem era apresentado como o dominante e a mulher, a submissa (Louro, 2003).

Oyěwùmí (2004) critica os estudos de gênero ocidentais por assumirem uma categoria universal de mulher, associada a uma posição de subordinação generalizada. A autora argumenta que tanto a categoria de mulher quanto o conceito de sexo biológico são construções originadas de uma perspectiva exclusivamente ocidental. Ela ilustra isso ao mostrar que, em sociedades iorubás pré-coloniais, as genitálias não eram usadas para distinguir os indivíduos (Oyěwùmí, 2021). Esse exemplo revela que a ideia de sexo biológico e a própria categoria de gênero não devem ser vistas como unidades analíticas universais.

A partir disso, a crítica ao modelo ocidental leva ao desenvolvimento de uma nova abordagem nos estudos de gênero, influenciada pelas ideias de Michel Foucault. Nesse prisma, o poder é compreendido como uma força multifacetada e essencial para entender as experiências de gênero (Louro, 2023). O poder, portanto, não é uma estrutura fixa, mas uma prática em constante exercício, o que desafia as visões simplistas das dinâmicas de gênero, como a ideia de que os homens são sempre dominantes e as mulheres, submissas. Essa abordagem permite compreender que identidades que não se alinham às normas hegemônicas ainda exercem sua agência, mesmo em contextos de opressão.

Nessa perspectiva, se inicia a busca por explicações que compreendam e levem em consideração que a construção da identidade de gênero se faz de forma não estática, pois as representações do que significa ser mulher ou homem variam ao longo do tempo e entre diferentes culturas (Butler, 2018). Assim, o gênero passa a ser compreendido enquanto categoria intimamente relacionada a outros aspectos da identidade sendo moldado por condições políticas e sociais, e, assim, se constrói à medida que cria relações de poder

complexas (Butler, 2018). Como Louro (2023) aponta, o poder deve ser entendido como uma prática contínua, desafiando as visões simplificadas sobre as dinâmicas de gênero. Dessa forma, reconhecer que identidades que não se ajustam às normas hegemônicas mantêm sua agência é fundamental para uma compreensão mais abrangente e plural das relações de gênero.

Por fim, ao adotar a perspectiva da interseccionalidade, a concepção tradicional de violência de gênero – que muitas vezes ignora marcadores como raça, classe, sexualidade e manifestações de gênero – deve ser repensada (Lôndero; Reis; Mewes, 2024). A inclusão dessas interseccionalidades é crucial para uma análise mais completa e precisa, especialmente no caso das mortes de mulheres trans/travestis. Essas mortes estão profundamente ligadas à identidade de gênero, que, ao determinar suas vulnerabilidades, papéis sociais e experiências de vida, torna as mulheres trans especialmente expostas à violência (Caicedo-Roa; Cordeiro, 2023).

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, utilizando a análise de conteúdo como técnica principal para interpretar os dados das duas reportagens transmitidas em 7 de maio de 2024 sobre o assassinato de Cássia Vieira: “Mulher trans é assassinada em Uberlândia e suspeito de praticar o crime teria um caso com a vítima” (TV Vitoriosa) e “Mulher trans é encontrada morta dentro de casa; homem diz ser autor do crime” (TV Paranaíba). A escolha dessas reportagens não foi apenas estratégica, mas também uma resposta à escassez de material sobre o caso, sendo as únicas fontes disponíveis.

A análise de conteúdo foi escolhida devido à sua capacidade de integrar tanto a objetividade quanto a subjetividade, proporcionando uma exploração profunda das narrativas e significados presentes nas reportagens (Cappelle; Melo; Gonçalves, 2003). Esse método possibilitou uma compreensão detalhada do material dentro do seu contexto social (Bauer, 2007) e foca nas interpretações subjacentes que moldam o conteúdo (Downe-Wamboldt, 1992). A técnica se concentra na criação de categorias a partir de um processo de decodificação onde códigos específicos são utilizados para classificar o conteúdo (Sampaio; Lycarião, 2021). Esses códigos funcionam como elementos de classificação e são

organizados em grupos temáticos, resultando nas categorias de análise (Sampaio; Lycarião, 2021).

Para realizar essa análise, foram construídas as categorias de interpretação, que podem ser observadas no diagrama a seguir. A partir dessas categorias, os dados foram comparados com a construção narrativa apresentada nas reportagens. Esse processo possibilitou o desenvolvimento de reflexões que estão detalhadas no item 4 deste trabalho.

DIAGRAMA 1 – CATEGORIAS UTILIZADAS PARA ANÁLISE DE CONTEÚDO



FONTE: Elaborado pelo autor (2024)

4. ANÁLISE

A análise das reportagens da TV Vitoriosa e da TV Paranaíba sobre o assassinato de Cássia Vieira oferece elementos para a compreensão sobre a maneira como a mídia trata questões de gênero, identidade trans e violência, especialmente no contexto dos feminicídios

de mulheres trans. Os subtópicos a seguir apresentam os resultados da análise com foco nas escolhas de linguagem, estereótipos de gênero, culpabilização da vítima e a representação do crime.

4.1 Terminologia e identidade de gênero

Em ambas as reportagens, a identidade de gênero da vítima é explicitamente destacada ao se referir a ela como uma mulher trans. Embora o uso do termo esteja tecnicamente correto, a ênfase excessiva na identidade de gênero pode, em certos casos, reforçar uma separação entre o conceito de mulher e mulher trans como se a vítima fosse uma categoria à parte. A menção repetida de que a vítima é uma mulher trans pode, em alguns contextos, distanciar a vítima da experiência feminina comum. No entanto, não há nenhum termo depreciativo ou de marginalização explícita, o que é positivo em termos de respeito à identidade de gênero da vítima. Contudo, a narrativa das reportagens não aprofunda a discussão sobre o contexto específico do transfeminicídio e isso pode acabar limitando a compreensão do crime em termos de uma violência de gênero estrutural.

4.2 Culpabilização da vítima

As reportagens apresentam elementos que podem ser lidos como uma tentativa de justificar ou até mesmo culpabilizar a vítima. O destaque para os conflitos que já vinham ocorrendo entre a vítima e o agressor, como disputas financeiras e desentendimentos pessoais, coloca a violência em um contexto de relações problemáticas, uma narrativa comum na cobertura de feminicídios. Essa estrutura de briga pessoal tende a suavizar a gravidade da violência, a tratando como um desfecho natural de um conflito interpessoal, o que impede a análise da violência como um problema sistêmico de gênero.

A descrição de que a vítima teria acusado o agressor de estelionatário e feito publicações nas redes sociais o chamando de golpista também pode ser interpretada como uma forma de culpabilização indireta da vítima, sugerindo que ela teria agido de forma a provocar o agressor. Isso é potencialmente perigoso, pois o retrato da vítima como agressiva ou descontrolada pode deslegitimar o fato de que o agressor, ao responder com violência fatal, está agindo de forma desproporcional e criminosa. Além disso, a menção de que a vítima ameaçou o agressor e sua família com frases como "se você não ficar comigo, não vai ficar com ninguém mais" pode ser vista como uma tentativa de justificar a violência,

apresentando o crime como uma defesa do agressor frente a uma ameaça, o que é uma forma de minimizar a responsabilidade do autor pelo crime.

4.3 Estereótipos de gênero

As reportagens reforçam alguns estereótipos de gênero, especialmente em relação à identidade da vítima. A narrativa destaca a relação extraconjugal do agressor que já era casado com outra mulher e se envolveu com a vítima. Ao focar no contexto do relacionamento do agressor com a vítima, as reportagens podem sugerir uma imagem da vítima como competidora no relacionamento de um homem com sua esposa. Isso pode obscurecer a dimensão real da violência transfóbica e de gênero, apresentando-a apenas como uma briga de casal. O uso de termos como "amor" que se transforma em "ódio" pode reforçar a ideia de que o agressor estava agindo por uma reação emocional em vez de focar na violência estrutural que muitas mulheres trans enfrentam em um sistema social e cultural marcado pela transfobia e misoginia. A ênfase no caráter passional do crime desvia o foco da violência como um reflexo da intolerância social e da discriminação contra pessoas trans.

4.4 Papel da mídia na perpetuação de estigmas

As reportagens em questão embora apresentem a informação de forma clara e objetiva, falham em oferecer uma análise mais crítica sobre a violência contra mulheres trans. Ao tratar a violência como um desfecho natural de um conflito de relacionamento, elas podem inadvertidamente contribuir para a normalização da violência contra pessoas trans, sem refletir sobre as dinâmicas transfóbicas que estão por trás desses crimes. Além disso, a falta de uma abordagem crítica que discuta a relação entre transfobia e violência de gênero deixa de questionar como a mídia poderia contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva e menos violenta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Oliveira (2019) aponta que a violência contra pessoas trans no Brasil, especialmente focando no transfeminicídio e nas formas como as estruturas sociais, políticas e culturais contribui para a marginalização e morte de pessoas trans. No que diz respeito à midiaticização,

é possível perceber como a cobertura jornalística do assassinato de Cássia exemplifica esse fenômeno. As reportagens citadas não apenas reforçam narrativas hegemônicas sobre gênero, mas também ajudam a construir uma percepção pública sobre pessoas trans que está em grande parte pautada em estigmas e preconceitos. O próprio modo de abordagem que foca nas circunstâncias pessoais e não no caráter transfóbico do crime contribui para a construção de uma realidade social onde as mortes de pessoas trans são, muitas vezes, naturalizadas ou tratadas como meros conflitos interpessoais.

Como Coudry e Hepp (2020) argumentam, a comunicação social e as mídias em geral não apenas refletem, mas moldam o mundo social. No caso de Cássia, o modo como a mídia aborda seu assassinato não só define o que é noticiável, mas também influencia como a sociedade percebe o sofrimento e a morte de uma mulher trans. O fato de a cobertura jornalística não enfatizar os possíveis elementos transfóbicos envolvidos no crime e a transformação da vítima em um objeto de escândalo público em vez de ser tratada como uma mulher digna de respeito, resulta em uma perpetuação da invisibilidade e da marginalização da comunidade trans.

A análise dos meios de comunicação, especialmente no caso da televisão, revela como a linguagem usada contribui para a perpetuação de estigmas. A forma como é retratada o autor do crime como um "homem casado" impulsiona para a adjetivação negativa da vítima que recaí nesse local pejorativo da amante. Além de que, por mais que não seja o foco dessa análise, vale destacar que os comentários nos vídeos analisados questionam o fato de Cássia ser uma mulher. Por outro lado, a cobertura também evidencia como a violência contra mulheres trans muitas vezes é tratada com uma linguagem que minimiza a gravidade do ato, focando em aspectos pessoais do criminoso e da vítima como o envolvimento em uma relação financeira.

Em resumo, a análise do caso de Cássia Vieira através do conceito de transfeminicídio e da midiaticização pode revelar a complexidade de como as mídias sociais e tradicionais lidam com questões de gênero, especialmente no que diz respeito à violência contra mulheres trans. O fenômeno da midiaticização ajuda a entender como a sociedade internaliza estigmas e como a narrativa midiática contribui para a invisibilidade ou marginalização das pessoas trans. A cobertura do assassinato de Cássia é um exemplo claro de como as redes de comunicação moldam as percepções sociais sobre as mortes de pessoas trans, muitas vezes sem dar o devido peso ao contexto de violência de gênero envolvido no crime.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodore. A indústria cultural. In: ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- AGÊNCIA FREELA. *Consumo de tv em um Mundo Digital: Por que a televisão ainda é importante?* 2023. Disponível em: <https://agenciafreela.com.br/consumo-de-tv-em-um-mundo-digital-importante/>. Acesso em: 28 out. 2024.
- BAUER, Martin. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, Editora Vozes, 2007.
- BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. Uma sociologia do escândalo da Mostra Queermuseu: disputas de enquadramento midiático entre o jornalismo profissional e o Movimento Brasil Livre. *Sociedade e Estado, Brasília*, UnB, v. 37, n. 2, p. 551-573, 2022.
- BENTO, Berenice. Brasil: país do transfeminicídio. *Centro Latino-americano em Sexualidade e Direitos Humanos*, 2014. Disponível em: http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/Transfeminicidio_Berenice_Bento.pdf. Acesso em: 23 ago. 2024.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CAICEDO-ROA, Mônica; CORDEIRO, Ricardo Carlos. Transfemicídios na cidade de Campinas, aplicação do modelo ecológico da violência. *Mediações* [Impresso], p. 1–18, 20 mar. 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2023v28n1e46600> Acesso em: 15 nov. 2024.
- CARVALHO, Mario. “Travesti”, “mulher transexual”, “homem trans” e “não binário”: interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/MyFKg4jJ4dBr6Zzfpb7vL9Q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 ago. 2024.
- CAPPELLE, Mônica Carvalho; MELO, Marlene Catarina; GONÇALVES, Carlos Alberto. Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, v. 5, n. 1, 2003. Disponível em: <https://www.revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/251>. Acesso em: 04 nov. 2024.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da comunicação*. São Paulo: Paz e terra, 2019.
- COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. A construção mediada da realidade. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2020.
- DONWE-WAMBOLDT, Barbara. Content analysis: method, applications, and issues. *Health care for women international*, v. 13, n. 3, 1992. Disponível em: 10.1080/07399339209516006 Acesso em: 04 nov. 2024.
- DE MELO, Késia Maximiano. “Consciência, News e Glamour”: a Internet como espaço alternativo de sociabilidade e ativismo entre pessoas trans. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/154086>. Acesso em: 16 jun. 2024.
- ESQUENAZI, Jean-Pierre. *As séries televisivas*. Lisboa: Texto e Grafia, 2011.
- G1. *145 pessoas trans foram assassinadas em 2023, segundo associação*. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/01/29/145-pessoas-trans-foram-assassinadas-em-2023-segundo-associacao.ghtml>. Acesso em: 22 out. 2024.

G1. *Quem era Cássia Vieira, a mulher trans morta no Bairro Martins em Uberlândia*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2024/05/06/quem-era-cassia-vieira-a-mulher-trans-morta-no-bairro-martins-em-uberlandia.ghtml>. Acesso em: 22 out. 2024.

LÔNDERO, Milena Cramar; REIS, Ana Gabrieli; MEWES, Emily Emanuele Franco. Violência contra pessoas trans no Brasil: Como romper com o “cis-tema”? *Perspectivas Sociais*, Pelotas, v. 10, n. 1, p. 199-221, 2024. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiI0-->

[K8t6JAXWZrZUCHRbtNNwQFnoECBUQAQ&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.ufpel.edu.br%2Findex.php%2Fpercsoc%2Farticle%2Fdownload%2F27346%2F20041%2F&usg=AOvVaw2V_MhKO1q9vbEioAJS-qQa&cshid=1731692901942888&opi=89978449](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiI0--K8t6JAXWZrZUCHRbtNNwQFnoECBUQAQ&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.ufpel.edu.br%2Findex.php%2Fpercsoc%2Farticle%2Fdownload%2F27346%2F20041%2F&usg=AOvVaw2V_MhKO1q9vbEioAJS-qQa&cshid=1731692901942888&opi=89978449) Acesso em: 15 nov. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Vozes, 2023.

MATOS, Marlise. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. *Revista Estudos Feministas*. 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000200003>> Acesso em: 10 jul. 2024.

OLIVEIRA, Manoel Rufino David de. Transfeminicídio: análise da dessubjetivação das pessoas trans na sociedade brasileira. *Revista de Movimentos Sociais e Conflitos*, Florianópolis, Brasil, v. 5, n. 1, p. 1–25, 2019. DOI: 10.26668/IndexLawJournals/2525-9830/2019.v5i1.5406. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/revistamovimentosociais/article/view/5406> Acesso em: 13 nov. 2024.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. *Concenptualising gender: eurocentric foundations of feminist concepts and the challenge of African epistemologies*. Dakar: CODESRIA Gender Series 1, 2004.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.

PEREIRA, Pamella Liz Nunes; GAUDENZI, Paula; BONAN, Claudia. Masculinidades trans em debate: uma revisão da literatura sobre masculinidades trans no Brasil. *Saúde e Sociedade*, v. 30, n. 3, e190799, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021190799> Acesso em: 06 jun. 2024.

PINHEIRO, Ester. *Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo*. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo> Acesso em: 25 ago. 2024.

QUADROS, Samuel. Travestis e Transsexuais no Mercado de Trabalho: Trabalho e Diversidades no Interior da Sociedade de Classes. *Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social*, v. 1, n. 1, 2018. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22827> Acesso em: 03 jun. 2024.

REDE DE MULHERES NEGRAS DO PARANÁ. *Pelo 15º ano consecutivo, Brasil é o país*

que mais mata trans e travestis. Disponível em: <https://rmnpr.org.br/noticia/67/pelo-15-ano-consecutivo-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-trans-e-travestis/lbts-negras> Acesso em: 25 ago. 2024.

RODRIGUES, Liliana; CARNEIRO, Nuno Santos; NOGUEIRA, Conceição. História das abordagens científicas, médicas e psicológicas sobre as transexualidades e suas aproximações críticas. *Saúde e Sociedade*, v. 30, n. 2, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200768>. Acesso em: 23 ago. 2024.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. *Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação*. Brasília: ENAP. 2021. Disponível em: <http://repositorio.enap.gov.br/handle/1/6542> Acesso em: 13 ago. 2024.

SANTOS, Ailton da Silva. O gênero na berlinda: reflexões sobre a presença de Travestis e mulheres transexuais nos terreiros de Candomblé. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 3., 2013, Bahia. Anais. Bahia: III SIES, 2013. Disponível em https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/154086/melo_kmm_me_mar.pdf?s Acesso em: 15 ago. 2024.

SILVA, Susana Veleda da. Os estudos de gênero no Brasil: algumas considerações. *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografia e Ciências Sociais*, n.262. Universidade de Barcelona, 2000. ISSN 1138-9796. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/b3w-262.htm> Acesso em: 22 out. 2024.

TV PARANAÍBA. *Mulher trans é encontrada morta dentro de casa; homem diz ser autor do crime* | *Balanço Geral Manhã*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qFp8CNb9aLA> Acesso em: 30 jun. 2024.

TV VITORIOSA. Mulher trans é assassinada em uberlândia e suspeito de praticar o crime teria um caso com a vítima. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r-xvdfrqnyo> Acesso em: 30 jun. 2024.

WILLIAMS, Raymond. *Televisão: tecnologia e forma cultural*. Tradução de Marcio Serelle e Mário F. I. Viggiano. 1. ed. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte: PUC Minas, 2016.